

Causativas ECM e controle reverso: uma proposta para o português brasileiro¹

(ECM causatives and backward control: a proposal for Brazilian Portuguese)

Manoel Bomfim Pereira^{1*}, Heloisa Moreira Lima-Salles²

^{1,2}Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas/LIP – Universidade de Brasília (UnB)

uesb2006@gmail.com, heloisasalles@gmail.com

Abstract: In this paper, we discuss the correlation between the syntax of IO dative and the loss of the Romanic causative in Brazilian Portuguese (BP). Following Chomsky (1986, 1995, 2001), we demonstrate that innovative properties of the pronominal system in BP have implications for the realization of the causative construction in that language, as compared to European Portuguese (PE), and previous diachronic stages. Our hypothesis is that BP has two types of causatives, which differ with respect to the morphosyntactic features of *causee*: the ECM causative (in which the *causee* is realized in the causative projection as an accusative 1st and 2nd person clitic) and the backward control (BC) causative (in which the *causee* is realized as an strong pronoun bearing the nominative case, through the embedded T projection) – therefore, the split in the pronominal system determines the choice of the strategies.

Keywords: *Backward control; dative; ECM.*

Resumo: Neste trabalho, discutimos a correlação entre a sintaxe inovadora do objeto indireto (OI) dativo e a perda da causativa “românica” no português brasileiro (PB). Seguindo Chomsky (1986, 1995, 2001), buscamos demonstrar que as inovações no sistema pronominal do PB têm implicações para a manifestação das estruturas causativas, na comparação com o português europeu (PE), e com fases diacrônicas anteriores. Nossa hipótese é a de que o PB possui dois tipos de causativas, que se diferenciam pelas características morfossintáticas do *causado*: a causativa ECM (em que o *causado* é realizado como clítico, de 1^a e 2^a pessoa, e recebe caso acusativo na projeção do verbo causativo) e a causativa de controle reverso/*backward control* (BC) (em que o *causado* é realizado como pronome forte e recebe caso nominativo na posição de sujeito da subordinada) – assim, a distribuição das estratégias corresponde a uma cisão no sistema pronominal.

Palavras-chave: Controle reverso; dativo; ECM.

Introdução

Neste estudo, examinamos as construções causativas do português brasileiro (PB), considerando, particularmente a ausência da chamada causativa românica – ou causativa *faire-infinitive*, doravante FI² – nessa língua. A causativa FI caracteriza-se por ocorrer em predicado complexo. Predicados complexos são geralmente definidos como uma sequência de dois ou mais verbos que apresentam uma forte coesão sintático-semântica. Assim, nessas estruturas, o verbo da oração matriz parece formar uma unidade sintática

¹ Este artigo foi embasado fortemente na dissertação de mestrado de Manoel Pereira, intitulada *A sintaxe do dativo em estruturas com verbos causativos no português brasileiro*, que foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB), em 2013, e orientada pela Prof^a. Heloisa Salles.

² Neste trabalho, o termo “causativa FI” é equivalente a “causativa românica”.

* O autor contou com o apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP/DF), edital 01/2014, processo nº 193.000.397/2014.

com outro verbo na posição de complemento. Nesses termos, nas construções (01), (02) e (03), o predicado complexo é formado pela união dos verbos *mandar e dormir* [verbo finito + verbo não finito]

(01) Pedro mandou dormir o João.

(02) Pedro mandou comer o bolo ao João

(03) a) Pedro mandou-**o** dormir.

b) Pedro mandou-**lhe** comer o bolo

Conforme Gonçalves (1999), as causativas FI apresentam as seguintes propriedades: (i) estrutura mono-oracional; (ii) no domínio encaixado, ocorre uma forma não finita do verbo; (iii) a forma verbal encaixada não exibe marcas de concordância, o que parece indicar a ausência de um DP na posição básica de sujeito; (iv) o domínio infinitivo é selecionado pelo verbo matriz, sendo o constituinte definido como causado, realizado em posição pós-verbal (cf. (01) e (02)), e, se cliticizado, no domínio do verbo causativo, manifestando o Caso acusativo se o verbo no infinitivo for intransitivo (cf. (3a)), ou o Caso dativo se for transitivo (cf. (3b)), sendo encontradas no português europeu (PE) (com correlatos no francês e no italiano).

Na literatura linguística, os estudos mostram que o PB não possui as causativas do tipo *Faire-Infinitive*, exemplificadas em (01), (02) e (03).³ Cyrino (2010) observa que, no PB, não existem as construções do tipo FI, porque elas são um tipo de predicado complexo, ou seja, são estruturas que se organizam sob a forma de [verbo finito + verbo não finito]. Segundo a autora, nessas construções, o argumento do verbo não finito se move para o especificador do V mais alto. Esse movimento forma um predicado complexo, propiciando a subida do clítico. Para esse movimento, é crucial que haja um sistema, mediante uma configuração C-T, em que T tem traços defectivos. A formação do predicado complexo está associada, portanto, a outro fenômeno da sintaxe de construções causativas, que é a subida do clítico, ilustrada em (03a) e (03b) (CYRINO, 2010).

Cyrino (2010) afirma que o PB não tem um T defectivo semelhante, por exemplo, ao do Português Europeu (PE); por isso, não apresenta um ambiente propício para a existência da causativa FI. Segundo a autora, no PB moderno, ao invés de causativas FI, ou ECM, encontramos a configuração designada como “*make-causative*”, conforme (04a), em que a oração encaixada é uma estrutura CP, e o sujeito é licenciado pelo TP encaixado, ligando-se referencialmente a uma posição argumental no predicado matriz – em que se verifica o chamado controle reverso (*backwards control*).

(04) a. A menina mandou \emptyset_i [_{CP} ele_i sair].

b. A menina mandou [_{TP} ele sair]

Em relação à subida do clítico, Gonçalves (1999) argumenta que a estrutura sintática do complemento infinitivo é defectiva nas construções de FI, o que explica que os constituintes do domínio encaixado tenham de verificar os seus traços contra os traços de categorias funcionais que se projetam apenas no domínio mais alto. Assim, em

³ Construções como (01) e (02) são agramaticais no PB, e as construções em (03) são encontradas nos usos formais, o que pode ser vinculado, por hipótese, ao processo de educação formal.

construções FI, existe apenas um domínio funcional ativo para a verificação dos traços do clítico que realiza o argumento selecionado pelo verbo encaixado, como acontece nas construções de reestruturação. Por essa razão, conforme a autora, se o causado e o OD encaixado forem cliticizados, devem subir ambos para o domínio mais alto, ocorrendo no domínio sintático do verbo causativo (cf. (05b)), como acontece na construção com reestruturação (cf. (06b)), mas não na construção ECM (cf. (07b))⁴:

- (05) a. A mãe mandou limpar a casa à Ana.
b. A mãe mandou-lha limpar.
c. ??/*A mãe mandou-lhe limpá-la.
d. *A mãe mandou-a limpar-lhe.
- (06) a. O Marco queria entregar a carta à Ana.
b. O Marco queria-lha entregar.
c. *O Marco queria-lhe entregá-la.
d. *O Marco queria-a entregar-lhe.
- (07) a. A mãe mandou a Ana dar o livro à irmã.
b. *A mãe mandou-lha dar o livro.
c. A mãe mandou-a dar-lhe o livro.

Nossa hipótese é a de que, com a mudança no sistema pronominal do PB, com implicações para a sintaxe do OI dativo, a configuração FI deixa de ocorrer. Essa mudança diz respeito à perda do clítico dativo de 3ª pessoa, que é substituído pela configuração encabeçada preferencialmente pela preposição “para” (*para ele/s; ela/s*), ficando o uso do clítico *lhe* restrito à 2ª pessoa. No entanto, essa mudança não afeta a configuração ECM, contrariamente ao que propõe Cyrino (2010), na medida em que, nessa configuração, o *causado* não é licenciado pela sintaxe do OI dativo. Porém, mesmo com essa divergência, assumimos a hipótese de Cyrino (2010) de que a causativa no PB ocorre em configuração de controle reverso, em contexto de 3ª pessoa.

Nesse sentido, investigamos a relação das construções causativas com a sintaxe do OI dativo do PB. Assumindo Chomsky (1986, 1995, 2001), busca-se demonstrar que as propriedades inovadoras do OD e OI dativo no PB têm implicações para a realização da construção causativa nessa língua, restringindo a manifestação da configuração FI, na comparação com fases diacrônicas anteriores e com o PE, e autorizando a ocorrência da configuração de controle reverso. Dada à correlação existente entre a configuração sintática do OI dativo com a causativa FI, nossos dados mostram que, diante da restrição ao licenciamento do OI pelo clítico dativo de 3ª pessoa, com implicações para a sintaxe da preposição, o *causado* realizado pelo clítico (dativo) deixa de ser licenciado, o que torna essa configuração indisponível na língua.⁵

⁴ Os dados citados em (07), (08) e (09) foram extraídos de Gonçalves (1999, p. 130).

⁵ Um dos avaliadores anônimos considera a construção “Eu lhe dei o livro” produtiva no PB. O fato é que várias pesquisas empíricas mostram que o clítico dativo *lhe(s)*, assim como o acusativo de 3ª pessoa não está mais disponível no português brasileiro vernacular (GOMES, 2003; BERLINK, 1999; TORRES MORAIS, 2006, entre outros; veja-se, também, a próxima seção). Outros trabalhos mostram que o clítico *lhe* é usado em alguns dialetos, mas com referência à 2ª pessoa (*Carro... e NUM DESse/tava*

Este trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: a primeira seção traz a revisão da literatura sobre a sintaxe do dativo no PB, com a descrição de trabalhos sobre a realização das preposições *a* e *para* introdutoras de OI dativo, na relação com a sintaxe pronominal. A seção seguinte apresenta a sintaxe do dativo na estrutura causativa, com o objetivo de testar a hipótese de trabalho. Na sequência, apresenta-se uma proposta para as construções causativas do PB. Por último, são apresentadas as considerações finais.

O dativo no PB: clíticos e preposições *a* e *para* vs. ausência de preposição

A sintaxe do dativo no PB vernacular (não padrão): estudos prévios

Gomes (2003) analisa as estratégias de codificação do argumento dativo em predicados com verbos bitransitivos. Para o estudo, considera dados extraídos de *corpus* sobre a comunidade da fala do Rio de Janeiro, observando as seguintes variantes: uso da preposição *a*, uso da preposição *para* e ausência de preposição. A hipótese é a de que, no processo de substituição da preposição *a* pela preposição *para*, pode haver uma especialização no uso de *a*, que seria preferida para representar relações semânticas mais abstratas, conforme (08).

- (08) a. Eles não dão muita ênfase *a* isso.
b. Eles não dão atenção *ao* caso.

Adotando a abordagem da sociolinguística laboviana, Gomes (2003) defende que a variação no uso da preposição é um processo sintático e a implementação da mudança que envolve a substituição da preposição *a* no dialeto carioca está encaixada no fenômeno de alternância de estratégias de codificação do dativo no PB, e este, por sua vez, está encaixado nos processos que afetam a reorganização do paradigma pronominal (principalmente a perda dos clíticos acusativos e dativos de 3ª pessoa). Além disso, há um aumento significativo do uso da preposição *para* entre os jovens.

Segundo Gomes (2003), Nascimento (2007) investiga quais os fatores linguísticos e/ou extralinguísticos influenciam o uso variável de preposições introdutoras de complementos indiretos dativos de verbos bitransitivos na variedade linguística utilizada pela comunidade dos Almeidas, a qual se localiza no estado de Goiás. O fenômeno é investigado em dados de fala de 41 informantes, segundo variáveis sociais estratificadas: faixa etária (22-28/38-50/55-76) e escolaridade (ensino fundamental 1, ensino fundamental 2, ensino médio e analfabetos). São analisadas três variantes do dativo em contextos bitransitivos, a saber: (i) o sintagma preposicionado (PP), de núcleo nominal ou pronominal; (ii) o clítico pronominal *e*, ainda, (iii) o sintagma nominal sem qualquer marca formal de dativo (\emptyset), conforme (09a), (09b) e (10), respectivamente.

esse rapaz que eu lhe disse ... (inter.) (Inq. 10) (DANTAS, 2007). Os resultados apresentados por essas pesquisas, em conjunto com várias outras análises disponíveis na literatura (GALVES, 2000; GOMES, 2003; TORRES MORAIS; BERLINCK, 2007, entre outras), permitem-nos assumir que há restrições para o licenciamento dos clíticos dativo e acusativo de 3ª pessoa no PB.

- (09) a. ...aí ele dava comida *pa/p'os caboco.../...aí ele deu um café pra ele...*
 b. ...foi o Inácio que *me* deu ele...
- (10) ...di [dei] \emptyset ele o sabão de bola... e ele tomô o banho...

No *corpus*, foram identificadas 151 ocorrências da preposição *para*, 2 ocorrências da preposição *a*, 15 casos de ausência de preposição e 37 ocorrências de clíticos. Nascimento (2007) conclui que a preposição *para* é a variante preferida para introduzir o OI dativo de verbos bitransitivos, o que equivale a 74% do uso. Nas duas ocorrências da preposição *a*, ilustradas em (11) e (12), o que equivale a um percentual de 1%, o OI tem o traço semântico definido no campo semântico de *divinizado*, o que significa que denota um ser [+abstrato].

- (11) ... não *a/aí* se o caboco tive[r] devoção *a Nossa Senhora da Aparecida...* [MAB55M]
 (12) ... aqui eu vô fala era um... um apuro que é pidino *a Deus* pa mode chuvê... [JLS61M]

Ao analisar a distribuição das variantes em função de variáveis extralinguísticas, Nascimento (2007) percebe que o uso da preposição *para* independe do nível de escolaridade. A preposição *para* está presente de maneira predominante nos dados de fala de todos os informantes: de 27 ocorrências analisadas, 19 apresentam a preposição *para* e 8 apresentam um clítico dativo. É interessante observarmos que os três informantes com maior nível de escolaridade apresentam uso predominante da preposição *para*. Nascimento (2007) constata, ainda, que, apesar de a preposição *para* aparecer em todas as faixas etárias, seu uso adquire um percentual maior entre os falantes mais jovens (82%), isto é, entre falantes com idade entre 21 e 28 anos. A realização da preposição *a*, com um percentual de 2%, fica restrita aos falantes mais velhos, com idade entre 55 e 76 anos (NASCIMENTO, 2007).

As ocorrências de clítico, embora correspondam a um percentual considerável tanto para a faixa etária 1 quanto para a faixa etária 3, manifestam um percentual maior entre os falantes de 38 a 50 anos, que correspondem à faixa etária 2, o que pode ser atribuído aos efeitos da escolarização, e também ao fato de não ter sido feita a distinção entre o clítico de 1ª, 2ª, e 3ª pessoa – uma questão crucial já que somente o de 3ª pessoa codifica o contraste entre OD e OI. A variante \emptyset ocorre em todas as faixas etárias: 2% entre os mais jovens, 8% na faixa etária intermediária e 10% entre os mais velhos.

Nascimento (2007) conclui que, embora a preposição *para* seja usada por todas as faixas etárias, uma frequência maior de uso ocorre na faixa etária mais jovem. Esse fato, aliado ao baixo uso da preposição *a*, de \emptyset e de clíticos anafóricos entre os falantes mais jovens, permite constatar um processo de mudança na comunidade de fala dos Almeidas, provavelmente, em direção ao uso categórico da preposição *para*, na expressão do dativo. Além disso, é possível constatar que a ausência da preposição é favorecida em contextos em que o OI descreve um argumento “alvo” com os traços semânticos [+humano, +animado], que denotam transferência (material ou não, e apresentam OD e OI explícitos, com OD de núcleos lexicais e OI de núcleos pronominais).

Os estudos labovianos apontam tendências e correlações entre as variantes e os fatores que as favorecem. Do ponto de vista da presente análise, tais resultados demonstram o caráter inovador da sintaxe do OI no PB, no que se refere à ampliação

no uso de *para* em detrimento de *a*, e à diminuição no uso de clíticos, na faixa mais jovem.

O estudo de Torres Morais e Berlinck (2007) retoma resultados prévios de autores como Berlinck (1996), Ilari *et al.* (1996), Kato (1999), Duarte (2000), citados pelas autoras, confirmando a baixa produtividade do dativo *lhe* no PB falado, o que aponta para a reorganização do sistema pronominal, no que se refere à expressão das relações referenciais, já que as formas *lhe/lhes* deixam de ser usadas na 3ª pessoa. Para a presente análise, retomamos a importante contribuição de Torres Morais (2006, p. 39), referida pelas autoras, em relação à sintaxe do OI no PB, formulada nos seguintes termos: “o PB se distancia do PE, de forma marcante na língua falada, não só pelo uso preferencial da preposição *para* como também pela ausência dos pronomes *lhe/lhes* em seu uso como 3ª pessoa”, que são substituídos pela configuração preposicionada com os pronomes fortes: *para ele/ela/eles/elas*. Essa questão será retomada adiante.

As propriedades da sintaxe do dativo na estrutura causativa

A causativa românica: o *causado* acusativo/dativo

Conforme mencionado, a causativa FI corresponde às estruturas que ocorrem em uma configuração na qual o verbo causativo vem acompanhado do verbo subordinado no infinitivo e manifesta as seguintes características morfossintáticas: (i) se o verbo no infinitivo é intransitivo, é seguido do *DP* interpretado como *causado*, o qual manifesta propriedades morfossintáticas de objeto direto/acusativo, conforme (13); (ii) se o verbo no infinitivo é transitivo, o argumento interno ocorre adjacente ao verbo no infinitivo, e o argumento interpretado como *causado*, é realizado como um OI encabeçado pela preposição *a*, conforme (14). Os dados em (13) e (14) são ocorrências da causativa FI no PE.

(13) Mandei escrever **os alunos**/Mandei-**os** escrever.

(14) Mandei escrever a carta **aos alunos**/Mandei-**lh**es escrever a carta.

A causativa ECM: o *causado* acusativo

Um aspecto relevante para este estudo é o fato de que as causativas manifestam-se em estruturas alternativas à chamada causativa FI. Conforme atestado em inúmeros estudos, além da causativa FI, a chamada causativa ECM é encontrada em períodos históricos remotos do português (MARTINS, 2004). A causativa ECM é assim designada por manifestar o fenômeno da marcação excepcional de Caso (*Exceptional Case Marking/ECM*). O processo de ECM diz respeito ao licenciamento do traço de Caso de um argumento *DP* em um predicado encaixado por um núcleo funcional em um domínio sintático superior (CHOMSKY, 1981). Sua ocorrência é verificada em construções causativas do PE, no contraste com as causativas FI, conforme atesta o estudo de Gonçalves (1999). Nesse caso, o *DP* interpretado como *causado* ocupa a posição pré-verbal e é marcado como acusativo pelo verbo causativo no domínio superior, conforme pode ser observado em (15) (GONÇALVES, 1999, p. 318).

(15) O professor [_{VP} mandou [_{TP} os meninos sair].

De acordo com essa análise, o núcleo T da oração encaixada, por ser defectivo e não possuir flexão, não pode verificar o Caso nominativo do DP “os meninos”, que, então, é licenciado excepcionalmente com o Caso acusativo pelo núcleo funcional “v” no domínio do verbo causativo. Por essa razão, o *causado* “os meninos” é realizado como sujeito no domínio do verbo infinitivo, e tem o traço de Caso (acusativo) licenciado pelo núcleo “v” associado ao verbo causativo mais alto, por ocorrer na configuração TP (e não CP), conforme (15), sendo, antes, cliticizável em acusativo, no domínio sintático do verbo mais alto, conforme se observa em (16), em oposição a (17) (GONÇALVES, 1999, p. 318).⁶

(16) *O professor mandou eles sair.

(17) O professor mandou-os sair.

Segundo Gonçalves (1999), um dos aspectos que diferencia as construções ECM das construções FI é que, nas construções ECM, o *causado* precede o verbo; já nas construções FI, ele o sucede. Esse contraste está ilustrado em (15), repetido como (18), em oposição a (19), em que o *causado* é representado pelo DP “os meninos”.

(18) O professor mandou *os meninos* sair.

(19) O professor mandou sair *os meninos*.

Esses dois tipos de estruturas apresentam outra diferença: na construção FI, conforme mencionado, o *causado*, se pronominalizado, ocorre no domínio sintático do verbo causativo e manifesta o caso acusativo, se o verbo encaixado for intransitivo, e o caso dativo, se esse verbo for transitivo, como se verifica em (20) e (21). Diferentemente, na construção ECM, o mesmo constituinte, quando cliticizado, apresenta-se apenas sob a forma acusativa, como se verifica em (22) e (23):

(20) O professor mandou-os escrever.

(21) O professor mandou-lhes escrever a carta.

(22) O professor mandou-os escrever.

(23) O professor mandou-os escrever a carta.

Nesse sentido, observamos, seguindo Gonçalves (1999), que as causativas FI manifestam propriedades sintáticas que podem ser contrastadas em relação às causativas ECM: enquanto a causativa FI autoriza (i) o movimento longo do objeto (cf. (24)) e não autoriza (ii) o funcionamento da negação na posição de operador de negação frásica no predicado encaixado (cf. (25)), a causativa ECM não autoriza (i) e autoriza (ii), conforme podemos observar em (26) e (27), respectivamente.

⁶ Um parecerista anônimo discorda do julgamento de gramaticalidade do dado em (25), alegando rejeitar tal estrutura, em favor daquela com o infinitivo flexionado: *O professor fez os meninos saírem*. Nesses termos, considera que a própria existência da causativa ECM no português estaria em causa. Embora consideremos que a gramática do infinitivo flexionado seja igualmente produtiva (especialmente para falantes letrados/escolarizados), seguimos a discussão tomando por base os dados citados por Gonçalves (1999), os quais estão corroborados não só no PB vernacular mas também nos compêndios gramaticais.

- (24) O professor mandou-a_j escrever [~~a carta~~]_j aos alunos.
 (25) *O professor mandou-a os alunos escrever.
 (26) *O professor mandou não escrever a carta aos alunos.
 (27) O professor mandou os alunos não escrever a carta

Em relação ao PB, a questão se torna mais complexa, porque as inovações no sistema pronominal não nos permitem recorrer ao pronome acusativo na 3ª pessoa como teste morfológico para o licenciamento do *causado* pelo verbo causativo, diante do uso do pronome tônico (forte) “ele(s)/ela(s)” (cf. (28)), embora seja mantido o clítico acusativo de 1ª pessoa (me), podendo também ocorrer o de 2ª pessoa (te) e o de 3ª pessoa “lhe” usado como 2ª pessoa (do discurso), dependendo do dialeto (cf. (29), respectivamente).

- (28) O professor mandou eles escrever a carta.
 (29) a. O professor me/te mandou escrever a carta.
 b. O professor lhe mandou escrever a carta.

Por essa razão, é possível afirmar que existe uma cisão no sistema pronominal do PB. Assim, as construções com os pronomes de 3ª pessoa sugerem duas hipóteses: ou o pronome tem acesso aos traços de Caso (acusativo) abstrato no domínio do núcleo “v” do verbo causativo, o que corresponde à construção ECM, ou o pronome é licenciado no predicado encaixado, o que corresponde à construção “*make-causative*”, referida na seção introdutória (a ser detalhada a seguir), embora na configuração ECM, o predicado encaixado seja realizado como TP (diferentemente da construção “*make-causative*”, em que é um CP), com as implicações sintáticas citadas. Por sua vez, nas construções com o *causado* na 1ª e 2ª pessoa, o pronome é obrigatoriamente alçado para o domínio do verbo causativo, o que pressupõe a reestruturação dos predicados, sendo a configuração mono-oracional.

Desde Rizzi (1978), o termo “reestruturação” aplica-se a estruturas em que certos verbos parecem formar uma unidade sintática com o verbo dos seus complementos infinitivos. As estruturas resultantes de reestruturação exibem as seguintes propriedades gerais: (i) têm, muitas vezes, correlatos inequivocamente bioracionais; (ii) o domínio infinitivo é transparente para fenômenos que são ilegítimos quando ocorre uma fronteira sintática, como aqueles citados por Gonçalves (1999), a saber: (i) subida do clítico; (ii) movimento longo de objeto; (iii) posição de operador de negação frásica e (iv) interrupção da adjacência verbal por material lexical diverso, o que sugere que o domínio mais alto e o mais baixo constituem uma única unidade sintática. Assim, há apenas um domínio funcional ativo para a verificação dos traços casuais do clítico, conforme (06), repetidos aqui em (30).

- (30) a. A mãe mandou limpar a casa à Ana.
 b. A mãe mandou-lha limpar.
 c. ??/*A mãe mandou-lhe limpá-la.
 d. *A mãe mandou-a limpar-lhe.

Na literatura, a reestruturação está associada a dois tipos de construções: (i) as construções causativas, em que o argumento interpretado como *causado* no predicado encaixado tem referência disjunta em relação ao argumento externo do predicado causativo, como em (30); (ii) as construções com auxiliares, como em *Maria me tinha visto*, e de controle (de sujeito), como em *Maria me queria ver*, em que não existe referência disjunta. Em ambos os casos, a subida do clítico objeto indica a formação de um predicado complexo.

Gonçalves (1999) afirma ser crucial considerar que C, AgrS, T e AgrO não se projetam no domínio infinitivo da causativa FI para dar conta do fato de, nesse domínio, (i) não se operar movimento QU-, (ii) não ser desencadeada concordância Sujeito-Verbo, (iii) não ocorrer PRO nem o auxiliar perfectivo e (iv) não haver lugar para os clíticos nem (iv) ocorrer a passiva. Seguindo Kayne (1975), propõe que os clíticos se adjungem a núcleos funcionais e que o local de pouso dos clíticos, no caso do PE, é AgrO. Como esse núcleo não se projeta no domínio encaixado, o clítico deve subir para o domínio mais alto. Nesse domínio, são verificados os traços de Caso e de argumento de V (ao adjungir-se à categoria funcional regente do complexo verbal).

Conforme ressaltado na literatura citada, existem, no PB, causativas em que o *causado* é um clítico de 1ª e 2ª pessoa, o qual é realizado (obrigatoriamente) no domínio do predicado causativo, conforme (31) e (32), em oposição a (33). De acordo com os critérios citados, a subida do clítico implica reestruturação dos predicados, o que permite concluir que a reestruturação está presente no PB. Ainda que, no PB, em outros tipos de perífrases, o pronome possa ocorrer proclítico (ou enclítico) ao segundo verbo, essa opção não está disponível em construções causativas (cf. 33a), em oposição a (33b):

- (31) Pedro me fez cair.
(32) Pedro pode/deve/vai [me fazer cair].
(33) a. *Pedro fez [me cair]/*Pedro fez [cair-me].
b. Pedro quer [me ver]/Pedro quer [ver-me]

Conclui-se que, na estrutura causativa do PB, o *causado* pode ocorrer em duas configurações: como pronome (nominativo) forte, na configuração bioracional, e como clítico, na configuração mono-oracional. Em (34a), o pronome forte de 1ª pessoa, “eu”, realiza o *causado*, e o pronome clítico, de 2ª pessoa “te”, realiza o argumento interno do verbo “ver”, ambos no domínio encaixado⁷. Em (38b), o clítico “me”, que realiza o *causado*, ocorre no domínio do verbo causativo, e o pronome que realiza o argumento interno do verbo subordinado permanece no domínio encaixado. Dessa forma, somente o *causado* ocorre no domínio do verbo causativo.

- (34) a. Pedro fez eu te ver.
b. Pedro me fez te ver.

Assim, nas estruturas causativas do PB, a ocorrência de configurações com o clítico de 1ª e 2ª pessoas indica que não houve a perda da subida do clítico, já que, nesse caso,

⁷ Nesta exemplificação, adotamos o uso (dialetal) do clítico de 2ª pessoa *te*.

ela é obrigatória. Conforme propõem Pereira (2012, 2013), esses dados mostram que a perda da causativa FI não se deve à perda da reestruturação de predicados nem à perda generalizada da subida do clítico, mas sim a um conjunto de fatores, entre eles, a reanálise na sintaxe do OI e a perda dos clíticos de 3ª pessoa (uma situação de cisão do sistema pronominal, amplamente apontada na literatura que investiga a reanálise do sistema pronominal do PB, e suas implicações para a sintaxe do OI, que compreende o uso preferencial da preposição *para*, em detrimento de *a*, e a substituição do clítico (dativo) de 3ª pessoa (*lhe*), pelo pronome introduzido pela preposição (*para ele/a*)) (cf. seção anterior).

Na próxima seção, apresentamos uma discussão sobre a causativa inovadora do PB, a chamada “*make-causative*”, em que o *causado* é licenciado no domínio encaixado.

Farrell (1995): a configuração de controle reverso

Farrell (1995) realiza um estudo sobre as construções causativas perifrásticas do (PB), e afirma que, no PB, não se pode caracterizar esses tipos de construções como construções de predicados complexos (ou mono-oracionais). Partindo das conhecidas propriedades das “causativas FI”, referidas pelo autor como “causativas românicas” como (35), pontua que as construções de predicados complexos possuem características que não são encontradas nas causativas do PB. Tais características são aquelas citadas anteriormente (cf. seções que tratam das causativas românicas e causativas ECM), como a subida do clítico, o movimento longo do objeto, a ausência de material linguístico entre o auxiliar causativo e o verbo no infinitivo e a realização do *causado* como dativo.

(35) Não o fiz comer *ao menino*.

A análise dos dados do PB como um tipo de construção de *controle reverso* (*backward control*, doravante *BC*), proposta por Farrell (1995), contrapõe-se à análise em termos das noções de ECM/*raising*, amplamente assumida na literatura. O autor assume a Estrutura Conceitual Lexical (*Lexical Conceptual Structure* – LCS), com o objetivo de determinar o estatuto do *causado* na LCS dos verbos causativos. Na análise de Farrell (1995), a LCS dos verbos causativos difere da análise padrão do controle do objeto em apenas um ponto: a direção do argumento ligado. Nesses casos, a posição de OD da matriz não é sintaticamente projetada. Como resultado, o *causado* é expresso obrigatoriamente como sujeito da oração infinitiva, ocorrendo o controle reverso, em que um argumento lexicalmente realizado no predicado subordinado liga o argumento nulo na LCS do verbo causativo.

Para demonstrar que as propriedades semânticas do *causado* estão presentes na estrutura conceitual mas não sintaticamente, Farrell (1995) argumenta que: (i) a passivização do complemento subordinado afeta o *causado*, na interpretação, não sendo possível a paráfrase ativa/passiva, como se depreende de (36a) e (36b), que não são sinônimas, já que, na passiva, o *causado* é interpretado como afetado na ação denotada pelo verbo causativo; (ii) o verbo causativo tem um argumento *tema*, que não pode ser uma oração subordinada, conforme (37)⁸; (iii) a posição de sujeito não pode ser um expletivo, confor-

⁸ O julgamento de (37) é controverso. Em Gonçalves (1999), tais construções são aceitas. Nosso julgamento é o de que há um tipo de estranhamento, mas é possível interpretar essas construções.

me (37b) e, por fim, (iv) o verbo causativo *mandar* impõe restrição semântica ao *causado*, que deve ser [+animado], conforme (39).

- (36) a. Eu mandei/fiz o médico examinar a minha filha.
b. Eu mandei/fiz a minha filha ser examinada pelo médico.
- (37) *O maracujá tem algum componente que faz [[IP tomar muito suco dele] dar sono].
- (38) a. [pro_{expl}] é óbvio que eu sou forte.
b. *Aquilo faria [pro_{expl}] ser óbvio que eu sou forte.
- (39) *Ele mandou a minha temperatura aumentar.

Nesse sentido, Farrell (1995) posiciona-se contra a análise padrão de ECM e argumenta que, se o sujeito do verbo infinitivo na construção causativa é considerado um argumento *tema* na LCSs do verbo causativo, há várias razões para uma análise como BC, em que o *causado*, no nível da LCS, é um tema dos verbos causativos *mandar/fazer*; e argumento sintático do verbo encaixado, é realizado como nominativo e ligado anaforicamente na LSC do verbo causativo.

Essa particularidade deve-se ao fato de que, na análise de BC, os verbos *mandar* e *fazer* em construções causativas não projetam a posição de objeto direto. Uma evidência para essa hipótese, segundo Farrell (1995), é o fato de esses verbos não poderem ser passivizados (cf. (40) e (41)).⁹

- (40) a. A mulher fez o nenê dormir.
b. *O nenê foi feito dormir.
- (41) a. Eu mandei o sapateiro consertar esse sapato.
b. *O sapateiro foi mandado consertar esse sapato.

Farrell (1995) afirma que, se o *causado* ocorrer como um clítico, o verbo causativo passa a ter a propriedade de licenciar sintaticamente um objeto – o que põe em questão a restrição à passiva, referida pelo autor. Em nossa análise, adotamos essa proposta de Farrell, argumentando, porém, que a configuração BC não exclui a ocorrência da configuração ECM.

ECM e *backward control*: uma proposta para o PB

Conforme se verifica pela revisão da literatura, são identificados quatro tipos de estruturas causativas, a saber: (i) causativas FI; (ii) causativas *Faire-par*, doravante FP; (iii) causativas ECM e (iv) causativas de controle reverso (BC). Para o PB, ficou demonstrado que o dativo OI é licenciado pela preposição *para*; logo, não são encontradas estruturas como (42), em que o *causado* é licenciado pela preposição *a*, correspondendo ao tipo FI. Além disso, conforme Borges (2008), não se trata de uma substituição lexical de *a* por *para*, uma vez que *para* não ocorre na configuração causativa, conforme (43).

⁹ O julgamento de (41b) é controverso, uma vez que é atestado na oralidade. Em nosso julgamento, consideramos também haver um tipo de estranhamento. Concluímos que o estranhamento valida a proposta de Farrell (1995), mas não exclui, conforme ele propõe, a existência de ECM.

Contudo, o *causado* pode vir expresso pelo pronome átono, conforme (44) (sendo *lhe* encontrado dialetalmente como pronome de 2ª pessoa).¹⁰

- (42) O João mandou comer a sopa *aos* meninos.
(43) *O João mandou comer a sopa *para* os meninos.
(44) O João *me/te/lhe* mandou comer a sopa.

Cyrino (2010), discutindo a perda da subida do clítico no PB, sugere que tal fenômeno pode ser observado, particularmente, em relação à perda das construções do tipo FI, em que ocorre o chamado predicado complexo. Propõe, então, que, na diacronia do PB, as estruturas causativas foram as primeiras a passar por mudança, no que diz respeito à perda da subida dos clíticos. Em consequência, ao invés de causativas FI, encontramos no PB apenas “*make-causatives*”, nas quais o predicado encaixado é realizado como um CP, excluindo-se, também, a configuração de ECM (em que a subida do clítico é observada, não havendo, porém, o contraste no uso do clítico acusativo e dativo na realização do *causado*). Nesse sentido, assumindo Farrell (1995), Cyrino (2010), propõe que tais construções são uma instância de *controle reverso*, que se distingue das construções ECM e FI (cf. 45).

- (45) A menina mandou [_{CP} ele sair].

De acordo com Cyrino (2010), o PB possui um sistema de Concordância e Tempo (C-T), em que T não é defectivo, o que impede a reestruturação dos predicados envolvidos, com consequências para a subida do clítico e para a realização da causativa FI. Para endossar essa hipótese, o autor considera a ocorrência no PB de dados como (46) e (47)¹¹, propondo que a presença do pronome na posição de sujeito do verbo infinitivo, assim como a presença da negação no predicado encaixado indicam que o núcleo T do predicado encaixado deixa de ter propriedades defectivas no PB, o que impede a formação do predicado complexo (dados extraídos da internet) (CYRINO, 2010).

- (46) ...eu tentei **eu** enviar meu convite...
(47) Eu estou **não** trabalhando com meu servidor.

¹⁰ Um parecerista anônimo alega não ser possível determinar pelo contraste em (42) e (43) que o PB não possui FI, uma vez que a variação entre *a* e *para*, atestada no PB, tem distribuição determinada por fatores independentes. Embora os relevantes resultados obtidos pela análise da sociolinguística laboviana demonstrem as tendências observadas na comunidade linguística, em relação à codificação de OI, consideramos que os dados em (42) e (43) são evidência de que a gramática inovadora do OI no PB não se restringe à substituição lexical de *a* e *para* em ambiente de transferência abstrata e material, respectivamente. Ao contrário, o que se demonstra é que a sintaxe de OI não se resolve na semântica da transferência, sendo um fenômeno que se resolve na estrutura sintática, em termos de operações que envolvem a disponibilidade de posições sintáticas para efetuar a realização dos argumentos envolvidos, com implicações para a formação do predicado complexo, disponível, conforme defendemos, no PB, embora dependente da sintaxe pronominal, tendo em vista a cisão pronominal. Agradecemos a observação do parecerista, por destacar a necessidade de elaborar essa importante questão para a análise.

¹¹ Um avaliador anônimo considera a construção em (46) aceitável, mas com restrições, pois necessitaria de efeito prosódico. O dado em (47), por sua vez, é julgado como totalmente agramatical. Nos termos de Cyrino (2010), não há referência a contraste prosódico em (46) que pudesse evocar uma leitura de foco contrastivo, por exemplo.

Nossa hipótese é a de que o PB possui dois tipos de construções causativas: (i) a de ECM e (ii) a de *controle reverso*. Nesse sentido, discordamos de Cyrino (2010), quanto ao fato de a configuração de *controle reverso* substituir os demais tipos de causativa, em virtude da mudança na composição de traços do T infinitivo (que deixa de ser defectivo, o que impede a formação do predicado complexo). Nossos dados demonstram que a presença da configuração de *controle reverso* não exclui a presença de ECM (embora a construção FI não esteja disponível no PB).

Em nossa análise, defendemos que o PB possui construções causativas do tipo ECM, em que o *causado* recebe Caso acusativo no domínio do verbo da matriz (e o predicado encaixado é um TP), o que se confirma em construções com o clítico de 1ª e de 2ª pessoa, conforme (44). Nesse caso, é evidente não só a subida do clítico como também a neutralização na marcação morfológica do caso nos pronomes “me”/“te”/“lhe”, conforme Pereira e Salles (2012) e Pereira (2012)). Nosso argumento é o de que, embora haja restrições independentes para a subida do clítico em outras configurações no PB (como em **João me quer ver*), a subida de clíticos continua a ocorrer na perífrase causativa no PB.

Defendemos, também, que o PB possui construções causativas do tipo *controle reverso* (FARREL, 1995; CYRINO, 2010) (cf. 45). Segundo Rabelo (2010), essa possibilidade é determinada pela cisão no sistema pronominal do PB: clíticos pronominais de 1ª e 2ª pessoa não ocorrem na configuração *controle reverso*, sendo instâncias de ECM, enquanto o pronome forte (eu/você/ele) pode ocorrer tanto na configuração ECM quanto na configuração de *controle reverso*.

Neste estudo, nós estamos propondo que, no PB, na configuração causativa (mono-oracional), o núcleo funcional “v” está presente tanto no verbo causativo, quanto no verbo encaixado (*João* [_v *me*_k [*mandou* [_v *te*_j [*ver*]]]), o que permite o licenciamento de categorias referencialmente independentes na projeção de cada predicado (isto é, os clíticos *me* e *te* têm referência disjunta), enquanto, na configuração com auxiliares temporais e modais, somente o “v” encaixado está ativo (**João me quer ver*/*João quer me ver*). Em línguas com a subida do clítico, ocorre a formação de uma cadeia argumental com o “v” mais alto. Na 3ª pessoa, diante da cisão pronominal no PB, os clíticos “o(s)/a(s)” e “lhe(s)” não estão disponíveis, apenas os pronomes fortes *ele(s)/ela(s)*.

Finalmente, é necessário considerarmos a possibilidade de o infinitivo apresentar flexão. Em relação à 3ª pessoa do singular, as construções são estruturas ambíguas, já que não existem marcas morfológicas no paradigma flexional do infinitivo (cf. (48)/(49) – o pronome pode ser licenciado pelo “v” do verbo causativo ou pelo I do predicado encaixado, supondo que é o morfema zero do paradigma do infinitivo flexionado; na 3ª pessoa do plural, a presença da flexão no infinitivo confirma que o pronome é licenciado pelo I do predicado subordinado (cf. 50):¹²

¹² Existe, também, a possibilidade de o sujeito encaixado estar no plural e o verbo no singular, como em *João fez eles comer o doce*, encontrada no português dialetal, em que a morfologia flexional de 3ª pessoa é ausente, independentemente de ser o verbo finito ou infinitivo. Nesse sentido, não se trata de ambiguidade em relação a duas possibilidades de licenciamento, como no caso da 3ª pessoa do singular em oposição à 3ª pessoa do plural. A hipótese nula é a de que ou a estratégia ECM generaliza-se para todas as pessoas do discurso, ou a estratégia do controle reverso é mantida, com o sujeito nominativo realizado no predicado subordinado sem o correlato morfológico do paradigma flexional.

(48) João fez o menino comer o doce.

(49) João fez ele comer o doce.

(50) João fez eles comerem o doce.

Em relação à subida do clítico, as construções causativas, ao invés de serem o “*trigger*” da mudança, são o contexto que se mantém resistente à mudança. Isso não exclui que a estrutura ECM seja licenciada, como se confirma pela presença dos clíticos de 1ª e 2ª pessoas. As condições que determinam a escolha das opções disponibilizadas pela GU não são objeto do presente estudo, embora seja possível supor que as propriedades relacionadas à flexão do infinitivo estejam sob variação paramétrica.

Considerações finais

Nesse trabalho, examinamos a sintaxe de construções causativas no PB, destacando, pela análise dos dados que são encontradas as seguintes configurações: (i) a estrutura ECM; e (ii) a estrutura de controle reverso (BC). Postulamos que a estrutura ECM está associada à possibilidade de o causado ser licenciado pelo núcleo funcional “v” no domínio do verbo causativo, e que a estrutura BC à possibilidade de ser licenciado pelo núcleo funcional T na estrutura do predicado encaixado.

Diante dessas hipóteses, julgamos não procedente a análise de Cyrino (2010), que considera a perda do fenômeno da reestruturação no PB como o motivador para perda das causativas do tipo FI (e FP), ficando confirmada a hipótese formulada em Pereira (2012, 2013) de que as construções causativas, no PB, apontam para a existência de dois tipos de construção: uma com reestruturação dos predicados (ECM) e outra sem reestruturação (BC).

Tomando por base a cisão no sistema pronominal do PB, propusemos, então, que o PB possui as causativas do tipo ECM e BC, que se diferenciam pelas características morfossintáticas que o *causado* assume: se realizado como clítico (de 1ª e 2ª pessoa), ocorrerá necessariamente na configuração ECM, e verificará o Caso acusativo com o núcleo funcional “v” no domínio do verbo causativo; se realizado como um pronome forte, ou será licenciado na configuração ECM, pelo núcleo funcional “v” no domínio do verbo causativo, ou será licenciado na posição de sujeito do predicado encaixado, pelo núcleo funcional T associado ao infinitivo, que não é defectivo, pois possui traço [+plural]. Nessa configuração, pressupõe-se, diferentemente da configuração ECM, que o predicado encaixado é um CP.

REFERÊNCIAS

BERLINCK, R. A. O objeto indireto no português brasileiro do século XIX. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 2., 2000, Florianópolis. *Anais*, 1999. p. 210-220.

_____. The Portuguese Dative. In: BELLE, W. Van; LANGENDONCK, W. Van. (Org.). *The Dative. Descriptive Studies*. Amsterdam: John Benjamins, 1996. v. 1, p. 119-151.

BORGES, D. C. *Construções causativas na diacronia do Português do Centro Oeste. Séculos XVII a XX*. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- _____. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.
- _____. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- _____. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. (Ed.) Ken Hale: *A Life in Language*, Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001. p. 89-155.
- CYRINO, S. M. L. On complex predicates in Brazilian Portuguese. *Iberia. An International Journal on Theoretical Linguistics*, v. 2, p. 1-21, 2010.
- DANTAS, M. A. M. *A configuração do dativo de terceira pessoa no português do Brasil e no português europeu com enfoque na fala do fortalezense culto*. 2007. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- DUARTE, M. E. L. The loss of the ‘Avoid Pronoun’ principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.; NEGRÃO, E. (Ed.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter* 2000. p. 17-36.
- FARRELL, P. Backward Control in Brazilian Portuguese. *ESCOL. CLC Publications*, v. 95, p. 116-127, 1995.
- GALVES, C. Agreement, predication and pronouns in the history of Portuguese. In: COSTA, J. (Ed.) *Portuguese Syntax*. New Comparative Studies. Oxford University Press, 2000.
- GOMES, C. A. Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In: PAIVA, M. C. de; DUARTE, M. E. L. (Org.). *Mudança Lingüística em Tempo Real*. 1. ed. Rio de Janeiro: Contracapa/Faperj, 2003. v. 1. p. 81-96.
- GONÇALVES, A. *Predicados complexos verbais em contexto de infinitivo não preposicionado em Português Europeu*. 1999. 500 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1999.
- ILARI, R. et al. Os pronomes pessoais do português: um roteiro para a análise. In: KATO, Mary Aizawa; CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do Português Falado 4: Estudos descritivos*. 1. ed. Campinas: Edunicamp, 1996. v. 1, p. 79-167.
- KATO, Mary A. Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter. *Probus*, n. 11, v. 1, p. 1-37, 1999.
- KAYNE, R. *French Syntax: the transformational cycle*. Cambridge: MIT Press, 1975.
- MARTINS, A. ambigüidade estrutural e mudança linguística: a emergência do infinitivo flexionado nas orações complemento de verbos causativos e perceptivos. In: BRITO, A. M.; FIGUEIREDO, O.; BARROS, C. (Ed.). *Lingüística Histórica e História da Língua Portuguesa. Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva*. Porto: Secção de Linguística do Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004. p. 197-225.
- NASCIMENTO, A. M. *A variação na expressão do dativo em variedades linguísticas rurais goianas*. 2007. 128 f. Dissertação (Mestrado em linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.
- PEREIRA, M. B. A sintaxe inovadora do objeto indireto no português brasileiro. In: CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL (CELSUL), 2012, Cascavel, PR. *Anais...* Cascavel: CELSUL, 2012.
- _____. *A sintaxe do dativo em estruturas com verbos causativos no português brasileiro*. 2013. 84 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

RABELO, P. *Argumentos (EPP) nulos no português do Brasil em contextos oracionais finitos e infinitivos*. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

RIZZI, L. A restructuring Rule in Italian Syntax. In: KEYSER, S. J. (Org.). *Recent transformat studies in European Languages*. Cambridge: Mass; The MIT Press, 1978.

TORRES MORAIS, M. A. Um Cenário para o Núcleo Aplicativo no Português Europeu. *Revista da ABRALIN*, v. 1-2, n. 5, p. 239-266, 2006.

TORRES MORAIS, M. A.; BERLINCK, R. A. “Eu disse pra ele” ou “disse-lhe a ele”: a expressão do dativo nas variedades brasileira e europeia do português. In: CASTILHO, A. et al. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes; Fapesp, 2007. v. 1. p. 61-74.